

Empresários entram na corrida eleitoral

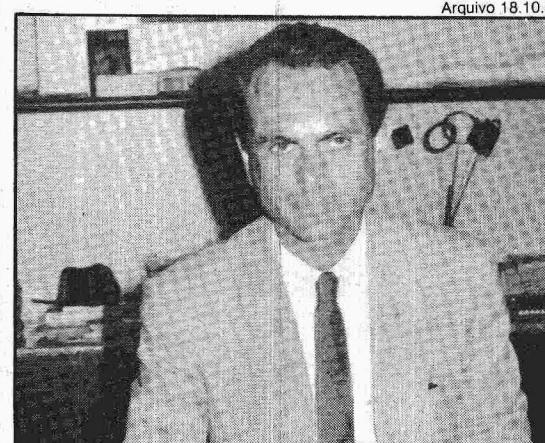
João Carlos Henriques

Eles são bem-sucedidos e embora tenham interesse semelhantes, estão prontos para colocar seus blocos na rua e disputar, entre si, um espaço em outro ramo de atividade. São os empresários candidatos. Ao invés de apoiarem políticos identificados com seus ideais, eles resolveram arregaçar as mangas, sair do escritório e tentar convencer os eleitores de que "a única saída para o Brasil" é a livre iniciativa, a economia de mercado e a privatização das empresas estatais.

O Jornal de Brasília conversou com seis empresários do Distrito Federal que são candidatos na eleição de 3 de outubro deste ano: Paulo Octávio, Osório Adriano, Lindberg Cury, Francisco Carneiro, Zamor Magalhães e Gim Argelo. Todas as entrevistas começaram com a mesma pergunta: "O que leva um empresário bem sucedido a optar pela carreira política e disputar uma eleição?"



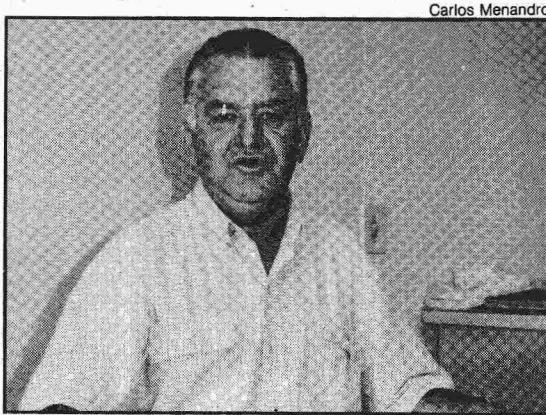
Osório Adriano



Paulo Octávio



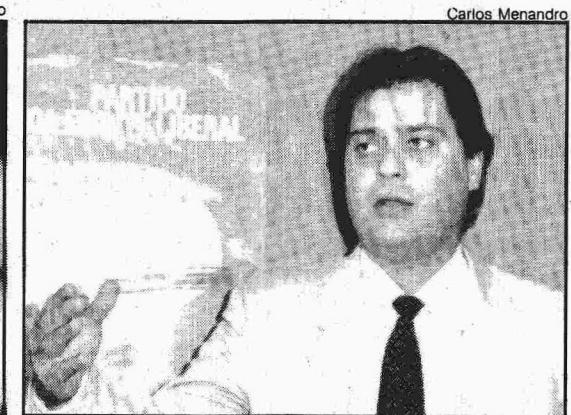
Lindberg Cury



Zamor Magalhães



Francisco Carneiro



Gim Argelo

Quem é quem na campanha em Brasília

Osório Adriano

Candidato ao Senado em 1986, Osório Adriano (PFL) obteve cerca de 70 mil votos. Como presidente regional do PFL, seu nome tem sido apontado como "candidato natural" do partido para o GDF. Ele informa que ainda não sabe a que cargo vai concorrer. Os amigos garantem, entretanto, que ele será candidato a deputado federal.

Sua opção pela política, segundo ele próprio, "é diferente dos outros empresários". Osório explica que sempre participou politicamente das entidades classistas. "Minha militância não é recente", afirma. Caso obtenha vitória na eleição, Osório pretende defender no Congresso "livre iniciativa".

Outro motivo que o levou à política: "O homem que fica só entre quatro paredes se brutaliza e eu não quero ser um empresário anti-quado, por isso procuro me atualizar e não viver somente do sucesso material".

Osório Adriano é engenheiro e chegou a Brasília há mais de 30 anos, antes mesmo da inauguração da cidade. O Grupo Osório Adriano é composto por 16 empresas, entre as quais a Coca-Cola, a Brasal e a Taguatinga. O grupo atua ainda em áreas que vão da agropecuária até a informática, passando pelo setor hoteleiro e uma rede de postos de gasolina.

Paulo Octávio

— Nenhum empresário se sente totalmente realizado — explica o advogado e economista Paulo Octávio Alves Pereira, dono da Paulo Octávio Investimentos e da Paulo Octávio Imobiliária, empresas que deverão faturar mais de 50 milhões de dólares este ano. Paulo Octávio atribui o seu ingresso na política — ele é candidato a deputado federal pelo PRN — à participação na campanha presidencial, quando coordenou a candidatura de Fernando Collor em Brasília.

"Antes não havia passado pela minha cabeça a carreira política",

admite Paulo Octávio, acrescentando que agora optou por "abdiciar um pouco de meus interesses pessoais". Ele garante, no entanto, que sua opção "não é por vaidade, nem para ganhar dinheiro". Acredita que vá "perder dinheiro".

A experiência na campanha de Collor possibilitou Paulo Octávio a se preparar profissionalmente para a "guerra" que será a eleição. O seu comitê eleitoral, por exemplo, funcionará no mesmo local onde ele coordenou a campanha de Collor, no Setor Hoteleiro Norte, ao lado da Torre de TV. "Minha campanha já está pronta", afirma Paulo Octávio. Mostrando um documento elaborado pela Propeg-Marketing Político, empresa que contratou que para fazer todo o acompanhamento da parte visual da campanha, bem como para lhe fornecer dados sobre o perfil ideal de um candidato.

Uma empresa de pesquisa de opinião pública está fazendo um levantamento para Paulo Octávio sobre as principais demandas sociais e sobre a imagem que o eleitorado do DF tem dele. Estou procurando saber o que a opinião pública pensa sobre mim. "Já sei que 42 por cento dos eleitores que votaram em Collor, votariam em Paulo Octávio para a Câmara".

Caso seja eleito, Paulo Octávio pretende defender a privatização das estatais: "A Petrobrás tem o monopólio da produção do petróleo, mas não deveria fazer distribuição de petróleo, álcool e produzir química; o Estado de São Paulo não tem que ser dono da Vasp e o GDF não precisa ter a TCB, a Sab e outras".

Lindberg Cury

Presidente da Associação Comercial do Distrito Federal durante 10 anos — entre 1979 e 1989 — Lindberg Cury é candidato à Câmara dos Deputados. Sua chapa para o Senado, na eleição de 1986, obteve 232 mil votos, sendo 127 para Meira Filho e 105 para ele.

Lindberg é primeiro suplente de senador.

A opção de Cury pela carreira política se deu em função da sua atividade na Associação Comercial. "A Associação era uma caixa de ressonância dos problemas locais e funcionava como uma câmara de reivindicações, já que Brasília não tinha autonomia política e os governadores vinham de outros Estados", explica Lindberg.

Ele lembra que a Associação Comercial era o ponto de encontro de lideranças políticas locais e nacionais. Como exemplos, cita a batalha pela anistia e o lançamento nacional da candidatura de Franco Montoro ao Governo de São Paulo, que tiveram como palco o auditório da Associação.

Por sua atuação política na época da ditadura, Lindberg chegou a ser intimado por um coronel do SNI, para prestar esclarecimentos. "Na ocasião fui advertido para deixar de defender a autonomia política de Brasília", conta Lindberg.

Caso se eleja deputado federal, Lindberg pretende trabalhar para colocar em prática um programa de desenvolvimento econômico para o DF e estimular a promoção da implantação de indústrias não poluentes e de pequeno porte, principalmente nos setores de gemologia e de informática.

Lindberg é diretor-presidente da Planalto de Automóveis S.A., uma concessionária da Ford que tem em sociedade com o Grupo OK. E representante da Honda e proprietário da Planalto Tratores Ltda.

Zamor Magalhães

Ele já foi "O Filho do Cerrado" e pregava que "Zamor com Amor se Paga". Quem votou em 1986 em Brasília certamente se lembra desse dois slogans da campanha que o major da reserva do Exército e empresário do setor de mineração Zamor Magalhães utilizou na campanha para deputado federal.

Zamor já tem um novo slogan:

"Em qualquer ocasião, Zamor é a Solução". Para seus ex-eleitores — mais de nove mil pessoas — já está encaminhando mensagens intituladas "Vale a pena, Zamor de novo".

Tenho 350 mil famílias fichadas, num total de 800 mil pessoas e estou mandando 10 mil cartas por mês — afirma Zamor. Se for eleito, garante que acaba com o analfabetismo no Brasil em dois anos: "Se não conseguir, renuncio ao meu mandato". O projeto milagroso que conseguiria tal resultado é um mistério. "No momento opportuno eu o divulgaréi", promete o "Filho do Cerrado". Esse apelido, segundo ele mesmo explica, "é porque nasci na antiga Fazenda do Torto, no dia 21 de setembro de 1930, onde hoje funciona a Granja do Torto".

Outro projeto político de Zamor é defender os interesses das mineradoras. Proprietário da Empresa de Mineração São Lourenço Ltda, Zamor é um tradicional fornecedor de manganês a siderúrgicas. Ele lamenta que 70 por cento da área do novo Estado de Roraima seja um território indígena, dividido "entre apenas seis mil famílias de índios Yanomami".

Francisco Carneiro

Francisco Carneiro foi o único empresário que conseguiu eleger-se em 1986, recebendo 19.360 votos. Ele entrou na política porque sentiu a necessidade da "efetiva participação dos empresários nas decisões do parlamento nacional". Anticomunista, Francisco Carneiro luta contra o que classifica de "ideologias que se conflitam com a dinâmica de abertura econômica nacional".

Defensor intransigente da redução da atuação do Estado nos diversos segmentos da economia, Carneiro prega a privatização das estatais e a entrada de capitais estrangeiros sob a forma de capital de risco. A seu ver, as mudanças no

Leste Europeu terão reflexos no Brasil e até no eleitorado de Brasília, que tinha uma certa resistência aos candidatos empresários. "Quem apostou no socialismo teve desastrosas deceções", afirmou.

Segundo Carneiro, "o socialismo faz perigosos mitos, enquanto que o capitalismo obtém resultados econômicos, que é o que necessitam os países".

Engenheiro civil e eletrônico, Carneiro é deputado federal pelo PMDB. Ele é proprietário da Eldorado Construtora, que atua em Brasília, Rio e São Paulo; da Eldorado Veículos, concessionária da Fiat e da Eldorado Materiais de Construção.

Gim Argelo

Presidente do PFL em Taguatinga, Gim Argelo é candidato a deputado distrital. Ele é da Associação dos Sucateiros de Brasília. Além de atuar na área de sucata, compra e vende imóveis e máquinas pesadas em leilões.

Gim chegou a Taguatinga quando tinha um ano de idade e hoje, com apenas 27 anos, acredita que seja "um candidato viável". Sua participação na Associação Comercial de Taguatinga e sua atuação em defesa da chamada Emenda Gadelha (senador Marcondes Gadelha), que dava autonomia política ao DF, o levaram a pensar na carreira política.

— A cidade sempre cobra minha candidatura — explica Gim, acrescentando que, "para mim, a política não seria bom negócio, mas tenho que lutar pela comunidade". Gim espera que a Assembleia Distrital não se transforme numa "gaiola de ouro" e defende que pelo menos 50 por cento das 24 vagas da Assembleia sejam preenchidas por moradores das cidades-satélites.

Abadia sai na frente

A deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB), o deputado Valmir Campelo (PTB), o senador Maurício Corrêa (PDT) e o professor Lauro Campos (PT) são nessa, ordem, os candidatos mais fortes ao Palácio do Buriti, na eleição de outubro deste ano. Pelo menos esse é o resultado parcial de pesquisa realizada nos últimos três dias — quinta, sexta e ontem — pela Soma-Opinião de Mercado. A novidade dessa pesquisa é que ela não traz o nome de Joaquim Roriz. Não que a Soma soubesse que Roriz seria nomeado por Collor para o Ministério da Agricultura. "É que tínhamos informações de que sua candidatura poderia ser impugnada", explica Ricardo Pinheiro Penna, diretor de pesquisas da Soma.

Estimulados por um cartão, os entrevistados tiveram sete opções de escolha para o Governo do Distrito Federal: Maria de Lourdes, Valmir Campelo, Maurício Corrêa, Lauro Campos, deputado Sigmar Seixas (PSDB), empresário Paulo Octávio (PRN) e professor Cristóvão Buarque (PT).

O resultado parcial da pesquisa fornecido ontem, ao meio-dia, pela Soma, colocava a tucana Maria de Lourdes Abadia com uma pequena vantagem na frente de Valmir Campelo, Maurício Corrêa e Lauro Campos. Dos 600 questionários, a Soma tinha apenas o retorno de 203 deles.

Abadia, Campelo, Corrêa e Campos lideraram a pesquisa, todos na faixa entre 10 e 15% da preferência do eleitorado e dividiram mais ou menos igualmente os votos que eram de Roriz. A pesquisa detectou um fato curioso, segundo Penna. "São o que classifico de ôrgãos do Roriz, ou seja, aqueles eleitores que não desejam votar em qualquer outro que não seja o Roriz". Essas pessoas representam cerca de um terço do eleitorado do DF.

Uma surpresa no resultado parcial da pesquisa: o vice-presidente do PRN-DF, empresário Paulo Octávio, recebeu mais votos que Sigmar e Buarque, ficando com cerca de cinco por cento das intenções de voto, enquanto que os outros dois ficaram com menos que cinco por cento. O resultado final da pesquisa Soma só deverá ser divulgado na próxima terça-feira (João Carlos Henrique)



Abadia: vantagem parcial